

Índio bom é índio calado...

Carlos Chagas

Thomas Morus, o homem que não vendeu sua alma, e, por isso, acabou decapitado por ordem do rei Henrique VIII, escreveu uma das mais belas peças da ficção universal, a *Utopia*. Nela, conta a história de um selvagem que, trazido do recém-descoberto continente americano, procurava adaptar-se à civilização européia. O índio dava nós na cabeça do mundo civilizado com suas ingênuas e singelas indagações. Num exemplo: convertido à força ao catolicismo, ouviu que todos deveriam confessar seus pecados. Compareceu ao confessor, onde debulhou o que havia feito de errado em sua vida. Depois de receber a absolvição, continuou ajoelhado diante do confessor, recusando-se a ir embora. E criou a maior confusão quando exigiu que o padre também confessasse os pecados dele...

A história se conta a propósito dos acontecimentos do fim de semana em Porto Seguro. Os nossos índios resolveram protestar, senão contra as comemorações dos 500 anos do Descobrimento, ao menos diante das péssimas condições de vida a que se encontram reduzidos. Terão visto pela televisão os prolongados protestos dos sem-terra e de inúmeros outros grupos minoritários, ao longo dos anos. Porque, ao contrário do que sustentam muitas ONGs e outro tanto de

antropólogos, os nossos índios adoram ver televisão. Faz muito que sabem ser os protestos parte da vida democrática da nação a que pertencem.

Aliás, não é só pelas telinhas que os nossos índios pretendem integrar-se na civilização, porque são candidatos a também dispor ou utilizar fogão, geladeira, eletricidade, ônibus, trens, aviões, roupas, escolas, hospitais e remédios. Nesse particular, quem tem razão é Sandra Cavalcanti. Em magistral artigo publicado pelo *Jornal do Brasil*, a ex-deputada federal mostrou os verdadeiros anseios desses irmãos abandonados, que apenas continuam no abandono por nossa incúria e incompetência em integrá-los. Nada mais fajuuto, para eles e para nós, do que classificá-los em "nações", deixando-os entregues à própria sorte em nome do "direito" que têm de permanecer selvagens, primeiro passo para mudarem de colonizador. Seria bom perguntar a eles, exceção de alguns bissexos exploradores de sua própria gente, se preferem o isolamento ou a integração.

Pois bem, os índios decidiram que seria bom aproveitar a oportunidade da presença do "pai branco" e de seus asseclas no local do Descobrimento para clamar contra a discriminação secular a que vêm sendo submetidos.

Aconteceu o quê? Contra eles

se mobilizou o que de mais moderno a civilização inventou em matéria de repressão. Bombas de gás lacrimogêneo, espingardas com balas de borracha, capacetes, máscaras e uniformes dignos da guerra do Vietnam. Enfim, toda uma parafernália de estratégias repressivas. Impediram-nos até do direito de ir e vir, inscrito na Constituição do país a que pertencem, quanto mais do direito de estrilar.

O pretexto? Garantir a segurança do "pai branco", que segundo seus auxiliares corria o risco de ser transformado num novo bispo Sardinha e colocado no caldeirão para cozinhar em fogo lento.

Em vez de ir até eles, de convidá-los para expor suas agruras, como de vez em quando faz em banquetes oferecidos aos intelectuais (outra minoria sempre protestando), Fernando Henrique Cardoso preferiu tratar os índios do mesmo jeito que os descobridores tratavam. Parece até um novo bandeirante, mesmo sendo paulista de mentirinha. Talvez imagine que índio bom, se não for índio morto, tem que ser índio calado, marginalizado, reduzido à miséria e ao abandono. Aliás, sem nenhuma diferença dos 60 milhões de excluídos brancos, negros, mulatos ou cafusos que perambulam por aí, sobrevivendo com menos do que os execráveis 151 reais pagos à

maioria dos trabalhadores.

Elitismo igual raras vezes se vê, em especial quando praticado por quem, uma vez, prometeu tornar-se o presidente de todos os brasileiros. Mentira. É presidente do andar de cima. Governa para os banqueiros aquinhoados com mais de 30 bilhões do Proer, para os especuladores que recebem juros estratosféricos por investimentos que não criam um só emprego nem forjam um único parafuso, para as multinacionais que adquirem patrimônio público a preço de banana podre e até com financiamento do Tesouro Nacional.

Para as camadas privilegiadas, mais privilégios, inclusive esse absurdo verificado dias atrás, quando banqueiros reconhecidamente desonestos acabaram punidos apenas com a ridícula sentença de não poderem continuar banqueiros pelos próximos vinte anos. Vá um ladrão de galinhas exigir punição igual, ou seja, continuar em liberdade debaixo da proibição de invadir galinheiros por duas décadas...

Em suma, o que o Brasil inteiro assistiu quando das comemorações dos 500 anos do Descobrimento leva-nos pelo menos à feliz conclusão de que só daqui a cinco séculos veremos outra vez encenado espetáculo tão deprimente e obscuro...

■ Carlos Chagas é jornalista

INSTITUTO	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	27/4/2000 Pg. 33
Data	27/4/2000
Class.	246